

HAPLOGIA SOB À LUZ DA TEORIA DA OTIMIDADE: UM ESTUDO PILOTO

Emerson Viana Braga
(UESB/PPGLin/CAPES)

Vera Pacheco
(UESB/PPGLin)

Marian Oliveira
(UESB/PPGLin)

RESUMO

O presente trabalho possui como tema central a análise de construções que sofrem perda segmental, chamado haplogia, no nível morfológico e sintático, a exemplo, respectivamente, de ‘tragi-cômico’ (trági(co)-cômico) e ‘faculdade de letras’ (Faculda(de) de letras). A perda segmental é ocasionada pela adjacência de elementos com características fonológicas idênticas ou semelhantes, fenômeno denominado haplogia (GONÇALVES & BARBOSA, 2006). A análise está sendo feita a partir dos pressupostos da Teoria da Otimidade, que substitui regras, trabalhadas em modelos gerativistas anteriores, por restrições violáveis (COLLISCHONN & SCHWINDT, 2003).

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; Haplogia; Teoria da Otimidade.

INTRODUÇÃO

A haplogia constitui processo fonológico que se caracteriza pela supressão de uma sílaba em fronteira de palavras ou de morfemas, sendo, por isso mesmo, um típico fenômeno de interface da fonologia: ou com a morfologia ou com a sintaxe.

Em português, a haplogia manifesta-se quando segmentos iguais ou aproximados encontram-se adjacentes em fronteira de pés. Desse modo, a primeira das duas sílabas consecutivas iniciadas pela

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

mesma consoante sofre um processo de redução, incorporando-se a uma só sílaba, como se observa nos dados a seguir:

(01) republica-icida >> republicada volume-metria >>
 volumetria
 trágico-comédia >> tragicomédia des-escravizar >> descravizar

Procuraremos expor as motivações dessa perda no português atual, analisando as motivações fonológicas e prosódicas que levam à haplologia.

Para a análise dos dados, serão considerados os aspectos fonológicos e suas interfaces. O instrumental teórico utilizado na análise é a Teoria da Otimidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993).

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa está sendo realizada por meio de testes a partir dos pressupostos da TO, analisando o comportamento das formas candidatas a *output* no que diz respeito à violação ou satisfação das restrições propostas para o fenômeno. A partir desse ponto, poderemos estabelecer a hierarquia das restrições, a fim de que haja a emergência do *output* ótimo, para o *input* proposto.

Pretendemos também, desenvolver a pesquisa por dois corpora: 1- constituído por palavras que sofreram haplologia, levantadas a partir de jornais televisivos, dicionários online e em contextos de fala e 2- por dois grupos diferentes: i- logatomas e ii- palavras que já sofreram haplologia e que serão manipuladas.

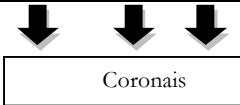
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas formações já rastreadas, sílabas que apresentam uma coronal (som produzido na parte anterior frontal da língua) como último *onset* da forma de base tendem a sofrer o processo, como se observa em ‘concessão’ e ‘emissão’, haplogias de ‘conceder’ e

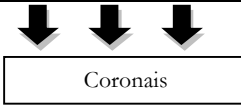
IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

‘emitir’, que resultam do contato do *onset* e do núcleo coronais da base com o *onset* coronal do sufixo nominalizador – uma fricativa alveolar (/s/). Isso pode ser observado através do esquema apresentado a seguir, em (04), para /conceder + /s/ão/ > *conce(de)/s/ão > conce/s/ão e /emitir + /s/ão/ > *emi(tì)/s/ão > emi/s/ão.

Concessão				Emissão			
TEMA		SUF.	RESULTADO	TEMA		SUF.	RESULTADO
RAD	V.T			RAD	V.T		
Conced	e	/S/ão	*conce[de]/s/ão > concessão	emit	i	/S/ão	*emi[ti]/s/ão > emissão



Coronais



Coronais

Nos casos aqui analisados, o contato da última sílaba do tema verbal (justamente aquela em que aparece a vogal temática) com o sufixo nominalizador, ambos com traço coronal, provoca o apagamento dos elementos coronais da base, havendo, em decorrência, o não-aproveitamento do tema: a forma verbal não está maximamente representada na estrutura morfológica do nome porque a sílaba final do verbo não se realiza foneticamente.

A haplogogia é um fenômeno bastante produtivo no português, mas não se sabe, ao certo, quais são as restrições e hierarquias que estão subjacentes nesse processo fonológico. Nossa hipótese, é a de que a haplogogia vai funcionar para uma acomodação fonotática e/ou prosódica.

CONCLUSÃO

Estamos descrevendo o fenômeno da haplogogia no português, por meio da percepção da fala e com base na Teoria da Otimidade. Neste último, porque empreende uma abordagem geral

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

sobre o papel das restrições de boa-formação na análise de fenômenos linguísticos, pois creditamos que a pesquisa linguística contemporânea tem sido centralizada por dois objetivos: (a) inventariar e descrever as propriedades universais da linguagem e (b) caracterizar e determinar a variação entre as línguas.

REFERÊNCIAS

BATTISTI, E. A nasalização do português pela Teoria da Otimidade. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 7, 1998.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

COLLISCHONN, G. & SCHWINDT, L. C. da S. (orgs). Teoria da Otimidade em fonologia: discutindo conceitos. In: COLLISCHONN, G. & Da HORA, D. (orgs.). **Fonologia e outros temas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2003.

CLEMENTS, George & HUME, Elizabeth. **The internal organization of speech sounds**. New York: Cornell University, 1995.

CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Eletrônico**. Rio de Janeiro: Lexikon Informática Ltda. Século XXI, Versão 3.0, 1999.

GONÇALVES, Carlos Alexandre & BARBOSA, Maria Fernanda. Haplogia Morfológica das formações X-oso: um enfoque otimalista. **Signum – Revista de Lingüística**. Londrina, UEL, 8 (1): 25-35, 2006.

HOLLANDA, A.B. **Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MCCARTHY, J. **A prosodic theory of nonconcatenative morphology**. *Linguistic Inquiry*, New York, vol. 12, n. 3, p. 373-417, jul./dez., 1986.

PRINCE, A & SMOLENSKY, A. **Optimality Theory: constraints and interaction in Generative Grammar**. Boulder: University of Colorado/Rutgers University, 1993.